

**Práticas musicais no Novo Ensino Médio: um estudo de caso na Escola Estadual
Governador Milton Campos**

Comunicação

*Tauini Mauê Santos Rosa
Universidade Federal de Minas Gerais
tauinimaue@hotmail.com*

*Helena Lopes da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais
helopesster@gmail.com*

Resumo: O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada Práticas musicais no Novo Ensino Médio: um estudo de caso na Escola Estadual Governador Milton Campos, que tem como principal objetivo discutir a presença da música no contexto do Novo Ensino Médio (2020). O estudo propõe-se a compreender os sentidos do grupo de música “Banda Central” formada espontaneamente por jovens do Ensino Médio, por meio de observações dos ensaios da Banda e entrevistas com os participantes. Dentre os resultados obtidos até o momento, destacou-se o desejo dos jovens em tocar coletivamente e em buscar aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos e musicais. O trabalho aponta que, ao contrário da visão sobre a falta de tempo dos jovens para participar de atividades musicais no Ensino Médio, os jovens ressentem-se por não ter projetos de música oferecidos na Escola de Tempo Integral.

Palavras-chave: Banda Central, Novo Ensino Médio, Educação Integral.

Introdução

Este artigo traz dados preliminares da pesquisa de mestrado em andamento, intitulada “Práticas musicais no Novo Ensino Médio: um estudo de caso na Escola Estadual Governador Milton Campos”, que propôs discutir a presença da música nesta Escola, no atual contexto do Novo Ensino Médio (2020).

O Novo Ensino Médio propõe a Educação Básica Integral e Integrada, a qual busca ampliar a carga horária e as possibilidades de ações educativas no que diz respeito à formação integral e plena dos estudantes. Tal proposta visa contemplar por meio de um

currículo integrado ações e atividades que possibilitem as experiências em diversas áreas.

A política de Educação Integral e Integrada para o Ensino Médio tem o objetivo de incentivar os estudantes a criarem seus projetos de vida, desenvolver um plano de participação cidadã, prover meios para que possam realizá-los, como sujeitos do processo e protagonistas de sua formação. (MINAS GERAIS, 2017, p. 62)

A Reforma do Ensino Médio, intitulada como Novo Ensino Médio, vem sendo discutida desde 2013, a partir de um projeto de lei (PL 6840/2013). No dia 22 de setembro de 2016, foi encaminhada ao Congresso Nacional a Medida Provisória⁴ (MP) nº 746/2016, sendo transformada em lei e sancionada no início de 2017 como Lei nº 13.415/2017¹, que promove alterações na estrutura do Ensino Médio, por meio da criação da Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Para a efetivação do Novo Ensino Médio nas escolas estaduais dos diversos estados do Brasil, foi estabelecida a Política de Fomento à Implementação às Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI). De acordo com a Portaria nº- 727, de 13 de junho de 2017, o EMTI tem como principal característica a ampliação da jornada escolar e a formação integral e integrada do estudante, “tendo como pilar a Base Nacional Comum Curricular e a nova estrutura do ensino médio”. O objetivo geral do programa é:

Art. 2º O EMTI tem como objetivo geral apoiar a ampliação da oferta de educação de ensino médio em tempo integral nas redes públicas dos Estados e do Distrito Federal, de acordo com os critérios estabelecidos nesta Portaria, por meio da transferência de recursos às Secretarias Estaduais e Distrital de Educação - SEE que participarem do programa e o desenvolverem de acordo com as diretrizes desta Portaria. (BRASIL, 2017)

Contemplando o contexto de reformulação do ensino médio (Lei nº 13.415/2017), a Reforma do Ensino Médio manteve a arte como componente curricular obrigatório da

¹ BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em 22 de jan. 2020.

educação básica e apresentou uma proposta de trabalhos colaborativos estruturados a partir do interesse dos alunos, na qual pode-se desenvolver projetos que envolvem as linguagens artísticas previstas na Lei de Diretrizes e Bases (1996). Estes trabalhos colaborativos devem ser desenvolvidos nos itinerários formativos, espaço este no qual os professores das diferentes áreas podem desenvolver seus projetos ou até mesmo os próprios alunos.

Embora haja aula de Música na atual estrutura curricular do Novo Ensino Médio desta Escola, interessamo-nos em pesquisar sobre as práticas musicais que ocorrem nos diferentes espaços da escola, nas quais os alunos são os protagonistas e responsáveis por articulá-las e organizá-las em momentos extracurriculares. O grupo escolhido para este estudo chama-se Banda Central e é formado por 15 alunos, sendo que um deles, atua como coordenador do grupo. Antes da pandemia, os encontros da Banda aconteciam durante os horários de almoço, duas vezes por semana e tinham cerca de 40 minutos a uma hora de duração. Os encontros neste horário foram possíveis devido ao fato dos alunos permanecem nessa escola em tempo integral, durante nove horas (das 7h30 às 16h40)².

Neste sentido, buscou-se compreender como acontecem os ensaios da banda? Quais as motivações dos jovens em participar desse grupo? O que pensa a escola sobre a proposta do grupo? Em que sentido a Banda se adequa à proposta dos itinerários formativos propostos no Novo Ensino Médio?

No período anterior à pandemia, foram realizadas 20 observações dos ensaios do grupo. Com a chegada da pandemia, e com ela, o consequente encerramento das atividades presenciais, foram realizadas quatro entrevistas com quatro alunos e um vice-diretor por meio da plataforma *Zoom Meetings* e *WhatsApp*.

O Novo Ensino Médio na Escola Estadual Governador Milton Campos (Estadual Central)

² O tempo de permanência dos alunos na escola foi alterado a partir da implementação do Novo Ensino Médio, que buscou ampliar a jornada escolar e a formação integral e integrada do estudante, oferecendo uma nova estruturação curricular para a nova carga horária.

Inaugurada em fevereiro de 1854, em Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais com o nome de Liceu Mineiro de Ouro Preto, a Escola Estadual Governador Milton Campos (Estadual Central) foi a primeira escola pública da rede estadual de Minas Gerais. Esta instituição oferta vagas exclusivamente para o Ensino Médio e tem a diversidade de alunos de diferentes contextos sociais e regiões de Belo Horizonte como sua principal característica.

A trajetória desta escola é marcada pelo incentivo e presença das artes, visto que em anos anteriores já aconteceram projetos que envolveram as linguagens artísticas, parcerias com músicos e artistas que tinham algum vínculo com a escola. No período anterior a pandemia, a escola tinha um grupo de danças urbanas, um grupo de teatro e um grupo de música (Banda Central), todos estes, propostos e organizados pelos próprios jovens participantes.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a LDB, estabelecendo no Art. 36 que o currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos³, como uma flexibilização curricular deste segmento. De acordo com a BNCC (2017), “essa nova estrutura valoriza o protagonismo juvenil, uma vez que prevê a oferta de variados itinerários formativos para atender à multiplicidade de interesses dos estudantes: o aprofundamento acadêmico e a formação técnica profissional” (p. 467).

Diante disto, a partir de 2017, foram ofertadas no Estadual Central atividades de natureza colaborativa, para compor os itinerários formativos organizadas com base nos interesses dos estudantes. Como exemplo dessas atividades, podemos destacar Educação para Cidadania e Projeto de Vida; Música; Dança; Estudos Individuais Orientados; Introdução ao Jornalismo; Jogos Digitais; Pesquisa e Intervenção; Robótica; Desenvolvimento de Aplicativos e Softwares.

A presença da música nesta escola encontra-se como conteúdo da disciplina Arte (BNCC) e entre os anos de 2017 e 2019 esteve como disciplina do itinerário formativo

³ No Brasil, a expressão “itinerário formativo” tem sido tradicionalmente utilizada no âmbito da educação profissional, em referência à maneira como se organizam os sistemas de formação profissional ou, ainda, às formas de acesso às profissões. No entanto, na Lei nº 13.415/17, a expressão foi utilizada em referência a itinerários formativos acadêmicos, o que supõe o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, e também, a itinerários da formação técnica profissional. (BRASIL 2017, p. 467)

“Cultura, Artes e Cidadania”. Durante esse período, foi ofertada para oito turmas divididas entre os primeiros e segundos anos e terceiros anos, em conformidade com o que está proposto no Documento Orientador da Política de Educação Básica Integral e Integrada (2017):

Cultura, Artes e Cidadania

O Campo poderá incluir atividades relacionadas à **Artes Cênicas, Artes Plásticas, Artes Circenses, Artes Marciais, Artesanato, Cultura Regional, Dança, Esportes, Música, Aprofundamento para ENEM em Ciências Humanas e Sociais, Estudos Individuais Orientados** e outras temáticas que podem ser desenvolvidas na escola, sendo a Educação para Cidadania e Projeto de Vida obrigatório para todas as turmas que farão na parte flexível do Currículo somente os Campos de Integração Curricular. (MINAS GERAIS, 2017, p. 42)

A Escola compreende as práticas musicais promovidas pela Banda Central nos horários de almoço como uma iniciativa espontânea dos alunos, e portanto, não a relaciona com a proposta dos itinerários formativos propostos no Novo Ensino Médio e na BNCC Ensino Médio (2017), conforme ponderou o vice-diretor da Escola: “não necessariamente os alunos que se envolvem com as artes no Estadual Central têm alguma relação com os itinerários formativos, na realidade, grande parte deles estão ali, fazem música ou qualquer outra manifestação artística de forma espontânea” (Entrevista, 06/07/20).

Portanto, a Escola reconhece e acolhe o grupo como uma iniciativa espontânea e autêntica, porém, não independente. Em relação ao apoio institucional às atividades artísticas da Escola, o vice-diretor observou que:

A direção da escola procure estimular toda e qualquer manifestação cultural, abrindo os espaços do colégio para qualquer tipo de manifestação no sentido do desenvolvimento pleno do aluno, principalmente no campo cultural. Espaços como o auditório são permanentemente abertos aos estudantes. (Entrevista 07/07/2020)

Metodologia

Os dados apresentados neste trabalho referem-se aos ensaios da Banda Central que aconteceram entre 2018 e 2019 no Estadual Central, período anterior ao distanciamento social. Nesta época, a pesquisadora atuava como professora de Música da Escola e acompanhava os ensaios apenas como interessada e amiga dos alunos. No total foram realizadas 20 observações dentre os ensaios e apresentações do grupo, nos quais foram realizados registros fotográficos e de vídeos.

Analisando o comportamento de alguns alunos em relação à presença da professora de Música nos primeiros ensaios, percebia-se uma certa timidez e olhares de desconforto por parte de alguns alunos. Pode-se dizer que o desconforto estava relacionado ao modo que os alunos enxergavam a professora de Música da escola, uma pessoa detentora do conhecimento técnico-musical. Como demonstrado no comentário de um dos alunos: “agora tem que fazer bonito, galera, porque a *fessora* tá aqui”.

Dessa forma, foi necessário esclarecer para os alunos que sua presença ali não era como professora, mas sim alguém que se interessava pela iniciativa, quase como se fosse aqueles alunos que não faziam parte da Banda Central, mas que gostavam de assistir os ensaios. Em algumas situações em que percebia-se timidez de alguns alunos em cantar ou tocar, a professora de Música retirava-se do ambiente ou esclarecia que sua presença ali não era para julgar erros nem acertos, e que gostaria que pudessem ficar totalmente à vontade.

A priori, a coleta de dados estava prevista para acontecer a partir do primeiro semestre de 2020. No entanto, devido à situação de isolamento social causada pela COVID-19, recorreremos às observações realizadas em 2018 e 2019 e optamos por realizar entrevistas com alguns integrantes do grupo e com o vice-diretor da escola via plataformas de vídeo Zoom Meetings e WhatsApp.

A partir das entrevistas, descobriu-se que grande parte do grupo não está mais matriculado na escola, em especial o aluno coordenador da Banda Central. Embora esteja distante fisicamente, o aluno demonstrou desejo em manter a Banda Central ativa para que o grupo tenha continuidade após retorno das aulas presenciais. Para manterem contato

e cooptarem novos integrantes, foi criado um grupo no WhatsApp chamado “Novos integrantes Banda Central”. Para divulgação desse grupo, foi disponibilizado um link de convite para que os integrantes que participaram desde o início divulgassem para os demais alunos da escola, com a seguinte mensagem:

Bem vindos novatos ou bem vindos amigos da Central! Estou passando para convidar a participar de uma audiência online! A nossa banda da Escola Estadual Central convida novos integrantes para participar do nosso projeto, portanto, temos testes para serem feitos para ser aprovado! Você que gosta de música e estuda no Estadual Central, venha participar! A Banda Central agradece! (Mensagem do dia 11/06/2020)

Os quatro integrantes da Banda Central entrevistados relataram que não houve retorno a respeito da mensagem circulada no WhatsApp, e que um dos desafios nesse momento era o de se organizarem para uma apresentação online por meio da produção de um vídeo da Banda, como uma forma de estarem juntos e também para divulgar o trabalho. Devido à sua mudança de cidade, o aluno coordenador revelou que estava a procura de possíveis colegas que pudessem substituí-lo na coordenação da Banda e também para propor estratégias para dar continuidade ao grupo.

Banda Central: O início

Como explicitado no início do artigo, entre 2017 e 2019 a aula de música integrou o itinerário formativo “Cultura, Artes e Cidadania”, uma das opções oferecidas aos alunos durante a mostra de itinerários que ocorreu na primeira semana de aula. Para os alunos entenderem a natureza deste itinerário e de outros oferecidos pela Escola, houve aulas experimentais de Música; Informática; Dança; Robótica; Introdução ao Jornalismo e Teatro.

A partir dessas aulas experimentais, os estudantes responderam a um questionário no qual escolhiam uma opção de itinerário que desejavam cursar naquele ano. Dentre os itinerários oferecidos para as 30 turmas de Ensino Médio, a escola ofertou a aula de Música para apenas oito turmas divididas entre os primeiros, segundos e terceiros anos.

Caruh⁴, aluno do primeiro ano, recém ingressado na Escola, tinha muita vontade de fazer um grupo de música, ou mesmo, de participar de atividades de música. Para a sua surpresa, sua turma não havia sido contemplada com esta possibilidade de itinerário formativo. Diante desta situação, o aluno pensou em uma forma de proporcionar atividades musicais para aqueles que, assim como ele, não teriam aula de música. Caruh mobilizou colegas para a formação de uma banda, por meio de divulgação nas salas de aula a partir de uma lista de assinatura dos interessados em participar, marcando data e horário para um primeiro encontro.

Os integrantes da Banda contaram que, o dia em que Caruh passou nas salas de aula, não detalhou qual era o objetivo do grupo, apenas perguntou quem estava interessado em participar de um “grande grupo de música da escola”. Chamou-lhes a atenção o fato de Caruh não ter perguntado a eles se possuíam instrumento ou se sabiam tocar. Segundo dois alunos entrevistados, houve cerca de 50 pessoas inscritas para participar do grupo, porém, no dia do encontro, apenas 10 alunos compareceram.

Essa “pouca” adesão foi interpretada por esses alunos como uma falta de interesse dos colegas em se comprometerem com uma atividade não avaliativa, e também, conforme avaliação de Brito⁵, devido ao fato do horário de almoço e recreio no Estadual Central ser considerado “uma hora sagrada”.

Processos de aprendizagem

Ao analisar as observações dos ensaios, podemos dizer que eram práticas colaborativas nas quais percebia-se uma ajuda mútua entre os integrantes da Banda Central, tanto para encontrarem soluções para questões de execução musical, criação e reprodução de arranjos até execução de técnicas musicais dos instrumentos e do canto.

⁴ Nome fictício escolhido pelo aluno.

⁵ Nome fictício denominado pela pesquisadora.

Em sua pesquisa sobre aprendizagem colaborativa, Torres (2004) discute a teoria e prática da aprendizagem colaborativa (DILLENBOURG, 1999), que acontece em uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas (p. 65). Segundo Dillenbourg (1999), o aprender “em conjunto” pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagem presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas (TORRES apud DILLENBOURG, 1999, p. 65).

Em relação aos processos de aprendizagem em grupo, Green (2008), afirma:

O aprendizado que ocorre de forma mais ou menos inconsciente ou acidental, simplesmente participando das ações coletivas do grupo. Isso inclui aprendizado inconsciente ou semi-consciente durante a produção musical, assistindo, ouvindo e imitando um ao outro. Também envolve aprender antes, durante e depois da produção musical, organizando, conversando e trocando opiniões e conhecimentos sobre música, como decidir quem tocará o que, compartilhar idéias sobre acordes, ritmos ou melodias, trocar partes, buscar a opinião uns dos outros e assim por diante. Embora não se destine diretamente a promover experiências de aprendizado, o 'aprendizado em grupo' nessa definição, tanto durante quanto fora da produção musical, tende a levar ao refinamento gradual do produto musical. (GREEN, 2008, p.120)

Embora Caruh tenha ocupado o papel de coordenador do grupo por articular espaços para os ensaios, marcar as datas das apresentações e mediar o diálogo entre a Escola e a Banda, não agia de forma hierárquica com os integrantes da Banda. Os repertórios, criações de arranjos e demais decisões eram sempre feitas de maneira democrática, onde as opiniões eram ouvidas e discutidas. Nesse sentido, pode-se dizer que a aprendizagem em grupo na Banda Central acontecia a partir dos objetivos e saberes musicais compartilhados entre os integrantes, à medida que enfrentavam os desafios encontrados durante o processo de aprendizagem de uma música nova que incluía novos acordes, novas técnicas instrumentais e vocais.

Os modos de compartilhamento dos saberes musicais entre os integrantes da Banda aproximam-se à perspectiva da aprendizagem informal entre pares que envolve a observação, escuta e imitação uns dos outros trazidas por Green (2012). Essa maneira

de aprender colaborativamente, prescinde da orientação centralizadora do especialista, como na aprendizagem formal. Esta maneira de aprender e ensinar presente na Banda Central está relacionada “a assimilação de habilidades e conhecimentos de modo pessoal, frequentemente desordenado, de acordo com as preferências musicais, partindo de peças musicais completas, do mundo real” (GREEN, 2012, p. 68).

Sentidos da Banda Central para os jovens

A primeira apresentação do grupo aconteceu a pedido da coordenação da Escola, para que alguns alunos do grupo se apresentassem na abertura de um evento destinado aos funcionários da Secretaria de Educação/MG. O nome “Banda Central” foi escolhido após uma pessoa presente na reunião perguntar a Caruh qual era o nome da banda:

Caruh: [...], o cara chegou na gente falando assim “nossa essa banda sua é tão chique tão legal, qual é o nome da sua banda? Aí a gente, tipo assim, um olhando pro outro aí a gente colocou “ah, Banda Central [...] Aí a gente usou esse nome porque não só na palavra “central” que a gente quer ser o centro de tudo. Por que Central? Centro, as vezes, tem alguns significados meios ocultos, sabe? Não é que a gente quer ser centro de atenções, a gente quer ser centro de incentivo para o próximo a estudar música, fazer muitas coisas legais também com a música, entendeu? (Entrevista, 08/06/2020)

O relato do aluno Caruh sobre o nome da banda está diretamente ligado aos objetivos iniciais de se formar um grupo, pois, quando ele afirma sobre “ser centro de incentivo para o próximo a estudar música, fazer muitas coisas legais também com a música”, demonstra uma preocupação do aluno em democratizar o ensino da música na escola, mais precisamente do ensino de instrumentos musicais para todos aqueles que se interessam. Ele comenta:

Caruh.: [...] A gente no início reuniu sim pessoas boas, qualificadas, mas pra quê? Pra gente ensinar aos outros a música em si, é... os instrumentos, como funcionam, como cantar no meio do público entendeu? É para a gente mais incentivar eles a como estudar mesmo música em si, entendeu? Porque tem gente que gosta de música, mas não tem um meio de aprender, entendeu? (Entrevista, 08/06/2020)

A fala de Caruh remete ao episódio em que chegou à escola e não foi contemplado com o itinerário formativo que ofertava aulas de Música que resolveu propor ensinar música para aqueles que não têm meios de aprender e que se interessam por música. Interessante destacar que quando Caruh fala sobre objetivo de formar o grupo para suprir a falta da aula de Música nas turmas que não foram contempladas, ele refere-se ao ensino de música apenas como aprender a cantar e/ou tocar um instrumento musical.

Para Brito, de 18 anos e presidente do Grêmio Estudantil entre 2018 e 2019, o sentido em participar do grupo estava relacionado ao gosto pela música e à atividade de cantar, que segundo ele, era devido às experiências que teve com o pai, que tocava violão para ele cantar desde pequeno. Brito contou que há muito tempo não se envolvia com atividades musicais e que a Banda Central significava para ele uma oportunidade de se envolver com a música novamente, além de satisfazer o seu desejo de voltar a cantar:

Procurei a banda pra satisfazer o meu desejo musical e uma vontade que eu sempre tive na verdade, né? Que é fazer parte de uma banda, de um grupo musical. Estar com pessoas que tocam, sabe? Trocar experiências ali e tudo mais e estilos musicais também. E eu valorizo muito esse tipo de experiência. E ainda tô em busca, tipo assim, de uma banda, de um grupo. (Entrevista, 04/08/2020)

Cruvinel (2005, p. 54) analisa que a música funciona como como ponto de união sobre os qual as pessoas se agrupam, promovendo a cooperação grupal: “Essa função é notada na satisfação do indivíduo em participar de algo familiar ou de fazer parte de um grupo que é constituído de indivíduos que possuem os mesmos valores, os mesmos modos de vida e as mesmas formas de arte” (CRUVINEL, 2005, p. 54).

Na concepção da aluna Lê, de 17 anos, violinista desde os dez anos de idade, sua participação no grupo significava uma oportunidade para trocar experiências musicais com pessoas que tocavam instrumentos diversos. Lê afirma que gostou da diferença e da variedade de instrumentos e isso foi o que mais a motivou a entrar para o grupo:

Porque eu vi que tinha pessoas que tocavam instrumentos, assim, na área da orquestra, tipo flauta transversal, piano, né, o Caruh. E também vi gente que tocava

instrumento diferente de mim. Isso que é legal, né? Aí eu gostei da diferença, da variedade de instrumentos, é isso. Aí eu quis entrar. (Entrevista, 27/07/2020)

Na mesma direção, Bry, 16 anos, contou que a partir de sua experiência como violonista, baixista e baterista, entrou no grupo “para se aprofundar mais e para tocar com várias pessoas ao mesmo tempo”. Bry explicou que sua expectativa ao entrar no grupo era de melhorar tanto a sua técnica quanto sua percepção:

Eu entrei na banda pra me aprofundar mais. Pra poder saber, tipo, poder tocar com várias pessoas ao mesmo tempo, ver até aonde aquela pessoa tem o seu limite, né? Saber onde eu tenho que melhorar...pra ganhar mais técnica com um trabalho em equipe. (Entrevista, 24/07/2020)

Os relatos dos quatro participantes demonstraram que participar da Banda Central está relacionado em grande parte, ao desejo de tocar coletivamente, ao prazer e à vontade de aperfeiçoar-se musicalmente.

Conclusão

Neste artigo procuramos revelar alguns possíveis sentidos para a participação dos jovens na Banda Central. Uma das primeiras motivações está relacionado ao fato de os jovens desejarem fazer música coletivamente com os colegas e amigos da Escola. Este fato revela que diferente das propostas curriculares previstas para o Ensino Médio, voltadas quase que exclusivamente para as disciplinas de Português, Matemática e Ciências da Natureza, nesta Escola, a música é vista pelos alunos como indispensável para sua formação.

A espontaneidade da participação dos alunos na Banda Central demonstrou que estão ali porque gostam de música, gostam de compartilhar experiências musicais com os colegas. Na Banda Central, os alunos sentem-se livres para discutir, decidir e tomar decisões acerca do repertório, da construção de arranjos, para desenvolver o seu potencial criativo.

Embora o Novo Ensino Médio proponha um espaço destinado às práticas promovidas pelos próprios alunos por meio dos itinerários formativos, percebe-se, que

nem por essa modalidade, a escola não consegue oferecer a aula de Música para todos os que desejam. Os relatos dos participantes da Banda mostraram que é preciso repensar o lugar da música na vida e na formação dos jovens do Ensino Médio para além de um espaço de entretenimento. A música deve ser pensada para ocupar o espaço de formação profissional proposto no Novo Ensino Médio.

Referências

BRASIL. *Constituição Federal (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. 25.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Lei nº 9.394/1996*, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017, Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BRASIL. *Medida Provisória MPV 746/2016*. Brasília, 22 set. 2016a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. *Presidência da República. Casa Civil*. Subchefi a para assuntos jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

DILLENBOURG, P. *What do you mean by collaborative learning?*. In: DILLENBOURG, P. (Ed.). *Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches*. Oxford: Elsevier, 1999.

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. Hampshire - England: Ashgate Publishing Limited, 2008.

GREEN, Lucy. *Ensino da música popular em si, para si mesma e para "outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula*. Tradução: Flávia Motoyama Narita. Revista da ABEM, Londrina, v. 20, n. 28, 2012

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. *Aprendizagem Colaborativa: teoria e prática*. Edição 03. Curitiba, Coleção Agrinho, 2004.